



Vale do Café

REVISTA

10 anos

Um turismo diferente, cheio de mistérios e segredos.

Pág 14.

Eu tenho história: o olhar arguto e as muitas possibilidades de se apaixonar pelo lugar onde você nasceu e cresceu.

Pág. 05

Barra do Piraí apresenta exposição sobre memória ferroviária. Pág. 31

FORMANDO O
PROFISSIONAL
DO FUTURO

**Graduação &
Pós-Graduação**



UNIVERSIDADE DE
vassouras

univassouras.edu.br

Editorial

Chegamos ao número de 45 edições da Revista Vale do Café, das quais nos orgulhamos de ter impresso quase 20 delas. Depois seguimos digitalmente, o que nos deu mais abrangência, mas tirou um pouco daquele romantismo que muita gente gosta que é ler a revista impressa. Esperamos retornar muito em breve com nossas páginas físicas.

A pandemia atrapalhou um pouco o investimento importante nas edições impressas e a gente não conseguiu se recuperar mais. Não por conta do conteúdo, mas principalmente dos preços que se tornaram abusivos. Para fazer com a qualidade que a gente fazia, no mesmo formato, tinha que ter quase 10 vezes mais anunciantes do que tínhamos e resolvemos então interromper o ciclo. Mas apenas o ciclo de impressões. A Revista seguiu, ganhou um site, e todas as suas edições até hoje estão disponíveis digitalmente para download gratuito, o que confere certa perenidade aos conteúdos e também às marcas apoiadoras.

Nessa nossa nova edição a gente trouxe na capa um sub-segmento do turismo (se é que podemos falar assim) que tem feito sucesso e que é muito interessante. E também surpreendente. Às vezes você olha para o mesmo lugar, no caso uma construção, várias vezes sem entender o que realmente aquilo significa e quando alguém lhe explica, faz um sentido danado. É como se sempre estivesse estado ali. E é assim com o Necroturismo ou Turismo em Cemitérios. A gente foi atrás das personalidades sepultadas, e descobriu que um cemitério conta muito mais histórias do que a gente pode imaginar. Agradecemos muito a ajuda do Guia de Turismo e especialista em tanatologia, Adelino Matos D'Almeida, que tanto têm contribuído com o turismo na região e colaborou particularmente com a elaboração dessa matéria de capa.

Tivemos também uma conversa agradável com o Maiquel Rocha, do "Eu tenho História", vassourense nato que hoje faz vídeos incríveis sobre as histórias, lugares e personagens de Vassouras, com muito talento, mas também com muita humildade. Foi um bate papo muito produtivo, que vai render inclusive parcerias com a Revista Vale do Café.

Trouxemos também um texto super interessante sobre Afroturismo com o devido respeito e cuidado que o tema merece, a programação do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos em Rio Claro, uma curta resenha de uma grande obra, escrita pelo professor Jesimar Alves e a programação completa, bem como um pouco da história do Café, Cachaça e Chorinho.

Esperamos que curtam a leitura! Um grande abraço aos leitores da Revista de toda a nossa equipe!

Expediente

Edição: Thamiris Sales / Redação: Analice Ricciardi / Diagramação e arte final: Gabriel Lavinias / Colaboração: Isabella Carvalho / Comercial: Gustavo Fortes



CNPJ: 13.918.239.0001-97
Rua Capitão Carvalho, 67, Madrugada,
Vassouras-RJ
Site: www.revistavaledocafe.com.br
Instagram: [@revistavaledocafe](https://www.instagram.com/revistavaledocafe)
e-mail: revistavaledocafe@gmail.com

Sumário

- **Editorial – Pág. 3** – *Reflexões sobre a trajetória da revista e o formato digital.*
- **Entrevista de Capa: Maiquel Rocha – Pág. 5** – *O projeto "Eu Tenho História" e o olhar sobre a região.*
- **Resenha: "A FUSVE e a transformação de Vassouras/RJ" – Pág. 11** – *Análise da obra de Jesimar da Cruz Alves sobre a cidade universitária.*
- **Necroturismo: A história e arte no Cemitério – Pág. 14** – *Um passeio guiado pelos segredos e memórias do Cemitério de Vassouras.*
- **Espetáculo "Dança da Maré" – Pág. 18** – *O trabalho artístico de Lemuriano em destaque no Sesc Rosinha.*
- **Café, Cachaça e Chorinho 2026 – Pág. 20** – *Destaques e a importância do evento para a integração regional.*
- **Observatório do Turismo Religioso Laico – Pág. 23** – *A nova gestão e o foco no desenvolvimento estratégico do setor.*
- **Afroturismo no Vale do Café – Pág. 27** – *A valorização da ancestralidade e da resistência negra na região.*
- **Podcast Frontin de Verdade – Pág. 30** – *Comemoração de 4 anos dedicados à memória local.*
- **Exposição "Entre Trilhos e Memórias" – Pág. 31** – *Celebração do Dia do Ferroviário em Barra do Piraí.*

ENTREVISTA COM MAIQUEL ROCHA, CRIADOR DO “EU TENHO HISTÓRIA”.

Um vassourense de nascença que foi para a fora da cidade na vida adulta, retornou à cidade onde nasceu, e já encantado e conhecedor dos cantinhos mágicos e fascinantes de Vassouras imprimiu um olhar diferente ao que já conhecia, já via com olhos de curiosidade e interesse e passou a retratar e contar essas histórias de uma maneira muito interessante, com óticas diferentes de quem passava pelo mesmo lugar todo dia lembrando na primeira pessoa mas se referindo à Vassouras e ao Vale do Café de que: Eu tenho história! E muita história. A Revista Vale do Café conversou com Maiquel para conhecer mais de perto o seu trabalho e a colaborar na divulgação desse legado grandioso que abriga O Vale do Café e dentro dele o município de Vassouras, que já foi o maior produtor de café da região no século XIX. Maiquel tem atingido um público grande, e contribuído bastante para atrair cada vez mais os olhares e os turistas não só para Vassouras, mas para a toda a região.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Você é vassourense de nascença, certo?

MAIQUEL ROCHA: Sou nascido e criado em Vassouras. Minha história começa em 1979. Meus pais também são daqui e praticamente toda a minha família tem raízes na cidade. Eu me sinto muito privilegiado por ter nascido em um lugar com tanta história e tanta beleza.

REVISTA VALE DO CAFE: Você passou sua infância em Vassouras? Algo já te chamava a atenção nesse período como te chama a atenção hoje?

MAIQUEL ROCHA: Eu passei minha infância em Vassouras. Estudei no Regina Coeli, estudei no Raul Fernandes, tive a oportunidade de fazer parte da primeira turma do colégio Peter Pan, que hoje é o Cetic, da tia Conceição, ainda quando funcionava na Rua Santos Dumont, no centro da cidade, também o Colégio de Vassouras, me recordo bem do Dr. Narciso, bons tempos. A minha infância foi de fato vivida aqui. Depois, me casei e saí em 2008, retornando ao trabalho em 2019. E foi justamente nesse retorno que algo mudou dentro de mim. Em um desses momentos, sentado ali próximo ao chafariz, com aquelas gotas caindo, eu parei por um instante e percebi o quanto aquela praça era bonita, muito mais do que a gente costuma ver no dia a dia. E ali eu entendi que aquele lugar carregava muito mais história do que eu imaginava. Eu volto com um outro olhar. Talvez seja a maturidade, talvez seja o fato de não estarmos mais naquela correria constante. Mas a verdade é que, já adulto, eu passei a perceber a beleza que sempre esteve ali.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Esse olhar hoje ultrapassa Vassouras e se estende pelo Vale do Café. O que você pensa da história do Vale? Acha que ela precisa ser mais divulgada?

MAIQUEL ROCHA: O Vale do Café tem uma riqueza histórica muito forte. Foi palco de muitos momentos importantes da nossa história, com diferentes nuances. Houve períodos de grande riqueza, mas também de sofrimento. Foi uma região essencial para o desenvolvimento econômico do país, contribuindo inclusive para a expansão das ferrovias. Durante um tempo, o Vale foi o coração do Brasil. E eu acredito que essa história precisa ser contada. Hoje eu tenho a oportunidade de estar em vários desses lugares, conhecendo de perto essas histórias, e o que não falta aqui são narrativas que merecem ser compartilhadas. Histórias das cidades, das fazendas, das famílias, dos distritos. O Brasil precisa conhecer o Vale, e o mundo também. O Vale está se redescobrando, com iniciativas importantes e profissionais comprometidos. É um lugar de conhecimento, de reflexão, e a sua história merece ser ouvida.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Qual é o seu carro-chefe e em quais plataformas você atua com o “Eu Tenho História”?

MAIQUEL ROCHA: Hoje eu estou presente principalmente no Instagram com o Eu Tenho História, no Facebook com o meu nome, Maiquel Rocha, e também no YouTube, que comecei recentemente com o mesmo nome do projeto(Eu Tenho História).

Além disso, estou em outras plataformas, sempre com esse propósito de contar histórias. Em setembro(2025), tive uma mudança importante no Facebook, quando passei a focar ainda mais nas histórias do Vale, especialmente de Vassouras. Isso me trouxe algo muito valioso, que foram as pessoas. Fiz grandes amizades, conheci muita gente e isso me trouxe muita alegria. De lá pra cá, foram mais de 13 milhões de visualizações de forma orgânica. É muito gratificante ver tantas pessoas interessadas em história, interagindo, comentando e participando. Tem sido um tempo muito especial.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Que lugar no Vale você ainda não foi ou não falou sobre e gostaria de ir?

MAIQUEL ROCHA: Paty do Alferes é uma das cidades que eu tenho muita vontade de explorar mais a fundo. Valença também, por onde já passei, mas ainda sem conseguir me aprofundar como gostaria. São lugares muito ricos em história, com casarões, ruas e detalhes que certamente guardam grandes narrativas.



REVISTA VALE DO CAFÉ: Vamos fazer algo junto com a Revista Vale do Café? Que lugar ou tema você escolheria para essa parceria?

MAIQUEL ROCHA: Eu começaria por onde nós estamos. Eu tenho feito esse trabalho de forma muito pessoal e independente, e costumo dizer que vou até onde os meus pés conseguem chegar. Então por que não começar por Vassouras? A cidade vive um momento muito bonito. Temos novos espaços sendo valorizados, museus, patrimônios sendo recuperados, além de lugares que por si só já são um convite, como ruas com árvores centenárias, que proporcionam uma experiência única. Caminhar por esses lugares, sentir o ambiente, ouvir os sons, perceber a história ao redor... seria um prazer construir algo assim junto com a revista.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como tem sido o alcance do seu trabalho? Você acredita que ele pode contribuir para atrair mais turistas para a região?

MAIQUEL ROCHA: Hoje, só no Facebook, tenho alcançado entre 1 a 2 milhões de pessoas por mês, sem contar as outras plataformas. E o mais interessante é o público que está comigo. São pessoas, em sua maioria acima dos 30 anos, que buscam conhecer histórias, fazer passeios, entender mais sobre o Brasil. É um público que participa, comenta, compartilha experiências. E isso se torna uma troca muito rica. Eu aprendo muito com quem me acompanha. Todos os meses surgem novas conexões, novas histórias e novas pessoas interessadas. E nessa troca, a gente constrói algo maior.



Aos poucos, mais gente vai conhecendo esse pedaço tão importante do Brasil.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Vamos fazer algo junto com a Revista Vale do Café? Que lugar ou tema você escolheria para essa parceria?

MAIQUEL ROCHA: Eu começaria por onde nós estamos. Eu tenho feito esse trabalho de forma muito pessoal e independente, e costumo dizer que vou até onde os meus pés conseguem chegar. Então por que não começar por Vassouras? A cidade vive um momento muito bonito. Temos novos espaços sendo valorizados, museus, patrimônios sendo recuperados, além de lugares que por si só já são um convite, como ruas com árvores centenárias, que proporcionam uma experiência única. Caminhar por esses lugares, sentir o ambiente, ouvir os sons, perceber a história ao redor... seria um prazer construir algo assim junto com a revista.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como tem sido o alcance do seu trabalho? Você acredita que ele pode contribuir para atrair mais turistas para a região?

MAIQUEL ROCHA: Hoje, só no Facebook, tenho alcançado entre 1 a 2 milhões de pessoas por mês, sem contar as outras plataformas. E o mais interessante é o público que está comigo. São pessoas, em sua maioria acima dos 30 anos, que buscam conhecer histórias, fazer passeios, entender mais sobre o Brasil. É um público que participa, comenta, compartilha experiências. E isso se torna uma troca muito rica. Eu aprendo muito com quem me acompanha. Todos os meses surgem novas conexões, novas histórias e novas pessoas interessadas. E nessa troca, a gente constrói algo maior. Aos poucos, mais gente vai conhecendo esse pedaço tão importante do Brasil.



REVISTA VALE DO CAFÉ: Hoje, como adulto e profissional, como você percebe o turismo e a cultura na região? Um município pode fortalecer o outro?

MAIQUEL ROCHA: Eu acredito que já existe um trabalho sendo construído há bastante tempo, e é importante reconhecer isso. Cada passo dado até aqui foi fundamental. O Vale do Café está passando por um processo de redescoberta, o que é muito significativo. Um lugar que já foi tão importante na história do país agora tem novamente a oportunidade de mostrar sua força cultural, histórica e turística. Existe espaço para crescimento conjunto, sim. Um município pode e deve fortalecer o outro.

E iniciativas como a Revista Vale do Café ajudam justamente a conectar tudo isso, como se fosse um grande mosaico que forma a identidade da região.

REVISTA VALE DO CAFÉ: O que você pensa do Vale do Café? O Vale tem história?

MAIQUEL ROCHA: O Vale tem muita história. E isso fica evidente quando a gente anda pelas ruas, observa os casarões, conversa com as pessoas que vivem aqui há tanto tempo. Existe uma riqueza de detalhes que vai além da história em si, existe sentimento. Existe pertencimento. Talvez o nosso maior desafio seja conseguir transmitir esse valor para as próximas gerações. Porque são elas que vão continuar cuidando de tudo isso. Preservar essa memória é essencial.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Que recado você daria para quem ainda não conhece a região?



MAIQUEL ROCHA: Se permita vir, mas venha sem pressa. Tire um tempo para viver o lugar. Sente em um jardim, observe ao redor, caminhe pelas ruas no fim da tarde. Olhe para as árvores, para os casarões, converse com as pessoas. Sinta o ambiente. Aqui, cada detalhe conta uma história. E eu tenho certeza de que quem vem não leva apenas conhecimento. Leva consigo memórias que viram saudade. E, mais cedo ou mais tarde, acaba voltando.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Você poderia fazer algumas considerações finais?

MAIQUEL ROCHA: Eu gostaria de encerrar agradecendo à Revista pelo convite, que recebi com muito carinho. Sou grato pela oportunidade de poder expressar, mesmo que em poucas palavras, todo o sentimento e a paixão que desenvolvi ao longo do tempo pelo lugar onde nasci e que tanto admiro. Também deixo meu agradecimento pela iniciativa de vocês. É um projeto muito bonito, que valoriza a nossa região de uma forma especial. Agradeço a todos pelo carinho e a você que chegou até aqui na leitura. Fica também o convite para conhecer o Eu Tenho História no YouTube e acompanhar meu trabalho no Facebook. Muito obrigado e um grande abraço.



Mais informações sobre o Eu Tenho História, escaneie o QR-Code.



Exposição

VASSOURAS

DA MONARQUIA À REPÚBLICA



Acervo fotográfico e histórico:
Adelino Mattos de Almeida Jr.



INAUGURAÇÃO: 24 DE ABRIL
NA CÂMARA DE VASSOURAS



CÂMARA DE
VASSOURAS

SECRETARIA DE

TURISMO

PREFEITURA DE

Vassouras



RESENHA: A Fusve e a transformação de Vassouras/RJ – da economia cafeeira a cidade universitária.

Um professor muito famoso e querido em Vassouras, escreveu um primor de contribuição à história mais importante de Vassouras, que foi a transição de cidade cafeeira (falida) à cidade universitária. O que trouxe a Vassouras que não vendia mais café, pelo contrário, não podia nem plantar porque o ciclo por aqui havia se esgotado até a cidade que ousou criar uma universidade. E naquele período era muita ousadia mesmo. Vassouras viveu um limbo em seu desenvolvimento econômico e social desde o fim dos tempos áureos do café até almejar um empreendimento que a mantivesse não só economicamente mas com a dinâmica de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Não fosse essa transformação, quiçá teríamos nos transformado num distrito de Barra do Piraí, Volta Redonda ou Valença. O sonho de um homem, desacreditado por muitos, permitiu que Vassouras se mantivesse de pé com dignidade, e hoje pudesse ser chamada de cidade “Histórica, Turística e Universitária”.

Essa história é contada de maneira esmiuçada e com precisão de detalhes no livro “A Fusve e a transformação de Vassouras/RJ, da economia cafeeira a cidade universitária”, de Jesimar da Cruz Alves, professor e autor do livro.



Jesimar já foi também coordenador de cursos na Universidade de Vassouras, é mestre em Ciências Ambientais e hoje Doutor em História Econômica, cuja tese final foi o próprio livro.

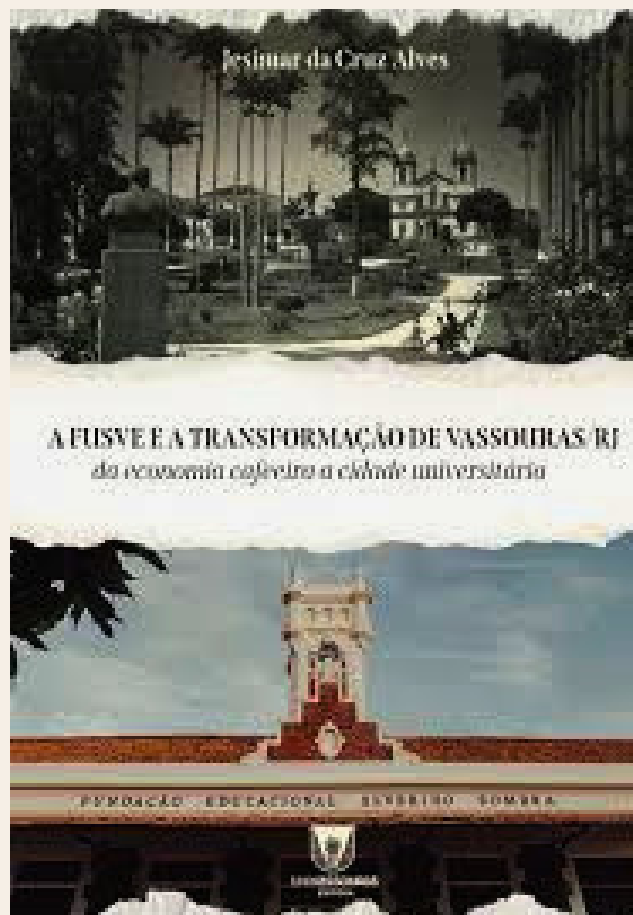
É importante mencionar que o livro teve origem em sua tese de doutorado e traz um panorama de Vassouras, dos primórdios à virada de chave para cidade universitária e turística porque fala muito não só sobre a decadência do café, mas sobre o ressurgimento de uma cidade que na época tinha poucas perspectivas e ilusões de se manter sob algum esteio industrial, comercial ou mesmo turístico (pouca gente tinha essa visão nesse período obscuro).

RESENHA: A Fusve e a transformação de Vassouras/RJ - da economia cafeeira a cidade universitária.

Jesimar reconstrói com precisão histórica e bastante sensibilidade, a jornada de Vassouras, do auge e esplendor do café ao florescimento de uma cidade universitária, sem contudo esquecer a dificuldade e o limbo dessa transformação que não ocorreu da noite pra o dia. E faz isso com muita visão, coragem, demonstrando a força transformadora da educação e da importância da Universidade de Vassouras, para que o município tivesse chegado onde conseguiu chegar hoje.

A primeira edição impressa foi patrocinada pela própria Universidade de Vassouras, e a versão digital pode ser baixada gratuitamente por meio do link.


2025: A FUSVE e a transformação de Vassouras/RJ - da economia cafeeira a cidade universitária | Produções Técnicas
<https://share.google/NmX2pfs3Po197Vw9R>



SERVE BEM
SUPERMERCADOS
VASSOURAS/RJ

Loja Madrugada: (24) 2471-2625 / 2471-2534
Loja Centro: (24) 2471-2366 / Loja Matadouro: (24) 2471-1125

WhatsApp: (24) 99315-7715 | comercial@redeservebem.com



INSTITUCIONAL

ABIH-RJ: A FORÇA QUE UNE E IMPULSIONA A HOTELARIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A hotelaria do Estado do Rio de Janeiro é um dos segmentos mais unidos e representativos do nosso território — e a ABIH-RJ é o coração dessa força coletiva.

Como a principal entidade patronal da hotelaria fluminense, a ABIH-RJ atua há décadas como interlocutora oficial junto aos governos municipal, estadual e federal.

Defendemos interesses específicos do setor, acompanhamos projetos de lei, participamos de ações coletivas, assessoramos juridicamente e promovemos soluções para desafios que impactam diretamente a operação dos meios de hospedagem.

No Vale do Café, essa atuação ganha relevância ainda maior. Aqui, onde o legado do ciclo do café se materializa em casarões imperiais, fazendas centenárias e uma identidade cultural única, a ABIH-RJ apoia ativamente o desenvolvimento turístico: fomenta parcerias com a Setur-RJ e Sebrae, participa de reuniões e iniciativas do Arranjo Produtivo Local (APL), divulga rotas e atrativos em eventos como o “Tô no Rio” em Copacabana, e fortalece a visibilidade do interior como destino de alto padrão — unindo história, gastronomia (cafés especiais, cachaças premiadas e queijos artesanais produzidos pelos integrantes do APL), natureza e hospitalidade sofisticada.

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS PARA HOSPEDAGENS ASSOCIADAS

- Assessoria jurídica e acompanhamento de projetos de lei
- Interlocução direta com órgãos de segurança e governos
- Cursos de capacitação e treinamentos contínuos
- Pesquisa mensal de ocupação hoteleira e diária média
- Boletim informativo e calendário de eventos
- Assessoria de imprensa e ações coletivas para o setor
- Clube de Vantagens e convênios exclusivos
- Banco de currículos e recrutamento qualificado
- Divulgação do destino Rio e do interior fluminense
- Atendimento individualizado e reuniões setoriais



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INDÚSTRIAS DE HOTELARIA
RIO DE JANEIRO

Seja um hotel associado e faça parte dessa rede de força e resultados. Associe-se hoje e ganhe voz, suporte e visibilidade para o seu negócio no Vale do Café.

(21) 97011-4925 • RUA MARIA EUGÊNIA, 300 • WWW.ABIHRJ.COM.BR

Turismo Cemiterial ou Necroturismo: Mistérios e histórias fantasmagóricas no turismo.

Modalidade conta histórias inusitadas, mas também valoriza o turismo de experiência, a história e a arte tumular.

Existe uma modalidade ou segmento de turismo que não começou a ser praticado recentemente, mas que a cada dia tem crescido mais no mundo e arrebanhado mais adeptos. É o turismo praticado em cemitérios ou o necroturismo, uma modalidade cultural que explora o valor histórico, artístico e arquitetônico de cemitérios, que vamos tratar aqui como necrópoles. Um cemitério pode ser considerado um museu a céu aberto dependendo de quem esteja sepultado ali. E nesses lugares podem haver guias especializados que conhecem as histórias desses sepultados, que na maioria das vezes contam também a história de onde estão localizadas estas necrópoles. As visitas guiadas contam histórias sobre arte tumular, lendas urbanas, túmulos e personalidades que na maioria das vezes viveram ou tiveram relação com os lugares onde estão estas necrópoles.

O necroturismo (ou turismo cemiterial) deixou de ser um nicho mórbido para se consolidar como uma vertente do turismo cultural e histórico. Em 2026, essa prática está alinhada às tendências de busca por experiências autênticas, preservação de memória e apreciação do que se pode chamar de “museu a céu aberto”.

Trata-se de uma modalidade extremamente forte na Europa e em algumas partes da Ásia, onde são integrados aos roteiros urbanos que envolvem parques, museus, centros de arte e outros atrativos. Entre os maiores expoentes do mundo estão o Père-Lachaise (Paris, França), o mais visitado. Abriga túmulos de personalidades como Jim Morrison, Oscar Wilde, Edith Piaf e Allan Kardec. É referência em arte tumular neoclássica. Na América Latina podemos citar o Cemitério da Recoleta (Buenos Aires, Argentina), famoso pela tumba de Evita Perón e por mausoléus de mármore que parecem palácios em miniatura. Existem outros lugares de destaque como Okunoin (Koyasan, Japão), o maior cemitério do país, o Merry Cemetery (Săpânța, Romênia) e o Arlington National Cemetery (Virgínia, EUA), Destino militar de grande relevância política, onde está o túmulo do Soldado Desconhecido e John F. Kennedy.

No Brasil, a tendência tem crescido cada vez mais e as visitas guiadas oferecidas também, focadas em história da arte, sociologia e personalidades. Uns dos pioneiros foi, claro, o Cemitério da Consolação/SP fundado em 1858, que se destaca pelas obras de Victor Brecheret e túmulos de figuras como Tarsila do Amaral e Monteiro Lobato. No Rio de Janeiro temos o Cemitério de São João Batista conhecido como o "Cemitério das Estrelas", onde estão abrigados ícones como Carmen Miranda, Tom Jobim, Santos Dumont e Oscar Niemeyer, só para citar alguns nomes.

Em Vassouras a história com o começo da Villa de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Rio Bonito com a construção da Capela-Mor. Em 1834, a mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição designou o terreno localizado atrás da Igreja principal – hoje praça Sebastião de Lacerda – para edificar o cemitério da Irmandade, Nossa Senhora da Conceição.



Por falta de espaço, alguns anos mais tarde o Cemitério é transferido para um sítio maior, que atualmente se localiza ao final da rua Barão de Massambará, na praça Cristóvão Correa e Castro, edificado desde 1848.

Em Vassouras a arte do Cemitério da Irmandade começa em seu portão, todo feito em Adinkras, que originalmente foram criados pelos Abrons de Gyaaman, um povo acãs de Gana. Gyaman (Rei Nana Kwadwo Agyemang Adinkra) originalmente criou ou projetou esses símbolos e os chamou de 'Adinkra'. Os símbolos Adinkra eram amplamente usados em cerâmica, banquetas, etc., pelos Abrons. O pano de Adinkra foi usado pelo Rei de Gyaaman, e seu uso se espalhou de Bono Gyaman para Asante após sua derrota.

Diz-se que os designers da guilda que desenharam este tecido para os reis foram forçados a ensinar o ofício aos Asantes. O primeiro filho do rei Gyaman, Nana Kwadwo Agyemang Adinkra, Apau, que se dizia ser bem versado no ofício Adinkra, foi forçado a ensinar mais sobre os tecidos Adinkra. Relatos orais atestam que Adinkra Apau ensinou o processo a um homem chamado Kwaku Dwaku em uma cidade perto de Kumasi.

Educador Patrimonial, Adelino Mattos de Almeida Junior, descendente da Casa D'Almeida de Vassouras. Foto: Adelino Mattos de Almeida Junior.

A presença de Adinkras em ferragens no Brasil Imperial representa um importante legado da resistência, memória e sabedoria ancestral africana, trazido pelos ferreiros escravizados do povo Akan (Gana/Costa do Marfim).

Esses símbolos, originalmente estampados em tecidos nobres, foram discretamente incorporados em portões, grades e janelas de casarões, igrejas e sobrados, transformando o ferro em um registro histórico de identidade cultural.

A incorporação desses símbolos no ferro forjado, um material frequentemente moldado pela dor do trabalho forçado, transformou a arquitetura em um ato de arte e resistência. Muitos desses desenhos passam despercebidos, mas constituem uma "memória viva" da ancestralidade que resiste ao tempo.

O portão do Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras é um verdadeiro provérbio africano.



Foto: Adelino Mattos de Almeida Junior.

Sua leitura simbólica diz o seguinte de cima para baixo:

NZOROMMA = Supremacia

NY AME DUA = Arvore de Deus

SANKOFA = Olhe ao passado e Veja

AKOKO NAN = Aprenda com o Amor

NEA ONNIM NO SUA = Aquele que não sabe, pode saber vivendo

ASASE YE DURU = A Terra tem seu peso

EPA = A liberdade é Lei

Todos são Símbolos africanos chamados de Adinkra, a leitura dos portões dos cemitérios são Provérbios africanos.

Inclusive as grades redondas e com 16mm, onde representa $1+6 = 7$, acredita-se que o número 7 segura o maligno fora do "sítio santo", não é para o morto não sair, mas para o mal não entrar e tirar a paz de quem ali descansa.

Além de seu portão magnífico, o Cemitério da Irmandade conta com 548 sepulturas, sendo 1 Cripta do Barão de Campo Belo, 1 mausoléu da família Teixeira Leite, 2 mausoléus oratórios, sendo um da Família Imperial Brasileira e outra da Irmandade Nossa Senhora do Sagrado Coração de Maria, além de 4 Stelas monumentais representando membros das famílias Avellar e Almeida, Werneck e Carvalho, famílias essas que estavam presentes desde a fundação de Vassouras enquanto Villa.

Ainda encontramos Jazigos monumentais, Túmulos verticalizados, Jazigos gavetas, todos esculpidos em mármore de Carrara e armações Vitorianas, com seu ferro bem trabalhado e rico em comunicação simbólica.

Adelino Mattos de Almeida Junior, em meio as sepulturas do Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição. Foto: Adelino Mattos de Almeida Junior.

O Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras é conhecido também pelo Jazigo perpetuo do Monsenhor Rios, onde todos os anos broca a "flor de carne", uma flor da espécie *Amorphophallus titanum*, em formato de coração, que nasce em seu túmulo, sempre no dia de Finados, e desaparece alguns dias depois. Para aumentar o misticismo em torno dessa flor em seu túmulo, a história registra que um dos zeladores do cemitério acimentou toda a lápide, mas que, ao chegar o período do seu nascimento, ela rompeu o cimento, com toda a sua delicadeza e surgiu.

(Com a colaboração de Adelino de Matos D'Almeida Júnior).



Lemuriano retorna a Valença com o espetáculo “Dança da Maré” no Sesc Rosinha

Valença recebe, no próximo dia 2 de maio, às 16h, no Sesc Rosinha de Valença, o cantor, compositor e poeta Lemuriano com o espetáculo “Dança da Maré”. A apresentação marca o pré-lançamento do novo EP do artista e promete uma experiência sensível, marcante, que mistura música e poesia, com intervenções poéticas ao longo do show.

Esta é a quinta passagem de Lemuriano pela cidade, sendo a terceira no Sesc Rosinha de Valença. O artista já construiu uma relação próxima com o público local, reconhecido pela escuta atenta e pela forte identificação com o trabalho apresentado. Ao longo dessas apresentações, o projeto vem reunindo pessoas de diferentes idades em torno de uma proposta artística que valoriza a emoção, a palavra e a paisagem sonora.

“Dança da Maré” é um espetáculo autoral que transita entre o rock e a MPB, com forte protagonismo da poesia. No palco, Lemuriano conduz o público por uma jornada que reflete os movimentos da maré da vida, suas cheias e vazões, suas cristas e quedas. Entre canções e intervenções poéticas, o show se estrutura como uma narrativa com início, meio e fim, proposta defendida pelo artista, que também é escritor.

Parceiro do renomado produtor cultural, poeta e compositor Hermínio Bello de Carvalho, responsável por revelar Clementina de Jesus, artista nascida em Valença, Lemuriano traz no repertório algumas dessas parcerias. Em sua última apresentação no Sesc Rosinha, os dois dividiram o palco em um encontro especial, reunindo canções e colaborações que agora retornam ao espetáculo.

Com uma proposta que une intensidade emocional, reflexão e musicalidade contemporânea, “Dança da Maré” se apresenta como um convite à conexão com a arte, com o outro e com os próprios ritmos internos.

MÚSICA

**LEMURIANO,
DANÇA DA MARÉ**

02/05, sábado às 16h

Teatro Sesc Rosinha de Valença

Programação **Gratuita** | Classificação **Livre**

Café, Cachaça e Chorinho 2026 se garante como grande marca de eventos turísticos da região do Vale do Café

Uma história que começou no início dos anos 2000 por meio de um grupo de empresários da região criou o Café, Cachaça e Chorinho, um circuito de outono que se transformou num evento para valorizar os principais produtos da região. O núcleo inicial que criou o projeto se desfez e cada empresário foi cuidar dos seus empreendimentos, mas a marca criada por eles sobreviveu e ganhou uma força que quase 30 anos depois segue forte, conhecida e respeitada.

Vários municípios do Vale do Café fazem eventos com o nome da marca mas em alguns deles virou tradição, como Mendes, que faz o Choro na Praça semanalmente há mais de 20 anos com mais de mil apresentações ininterruptas, e Vassouras, que realizou várias edições e retomou o projeto em 2025 em grande estilo.

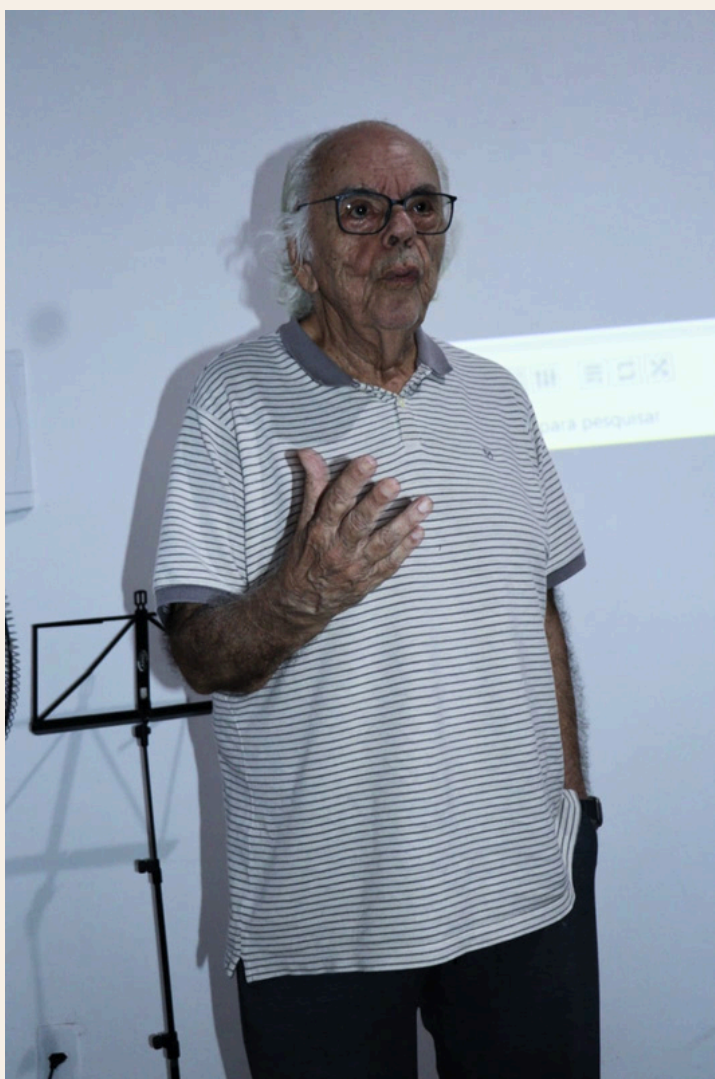
Esse ano, Mendes, mantendo sua tradição vai apresentar uma programação entre os dias 01 e 04 de maio, conforme a arte que segue a matéria.

Já Vassouras, vai fazer dentro da Antiga Estação Ferroviária, a Estação Viva, no coração da cidade com uma programação também diversificada, que envolve palestras, concurso de coquetelaria, o lançamento do Cineclube Zelito Viana, que vai apresentar um filme sobre o grande Villa-Lobos (que tem vários choros entre suas obras), música ao vivo, e muito choro, café e cachaça.



Da esquerda para a direita: Vera de Paula, Zelito Viana, Prefeita Rosi, Marlos França, Júnior da Cultura e Luciana Savaget Teixeira Leite. Foto: Mônica Hallack.

Mas é muito importante, lembrar quem iniciou essa história, quem cultivou uma marca pensando já na regionalização e na integração entre os municípios do Vale do Café. Uma das presidentes do antigo Conciclo (equivalente da IGR Vale do Café criado no início dos anos 2000) Ana Lúcia Furtado explica um pouco dessa preocupação já pensando no futuro. “Eu sempre pensei em unir essas temáticas que são muito fortes na região. E pensando justamente em regionalizar. O evento foi criado enquanto eu estava na Associação Comercial de Vassouras. O que queríamos na época era fidelizar o turista na região e em cada cidade e cada cidade, alavancar através de seus atrativos e suas potencialidades, andar pela região todo para além de apenas uma cidade.”. Ana tem todos os documentos, registros e até planilhas do tempo da criação do evento. O Conciclo foi substituído pela IGR, mas a marca pegou, e segue forte até hoje atraindo turistas para as cidades do Vale do Café. Vale muito parabenizar a iniciativa, visionário ainda naquele tempo, inclusive no que se refere à região e à importância de se trabalhar o Vale do Café como um organismo vivo, que envolve alambiques, fazendas históricas de café, choro na praça e diversos outros atrativos.



Zelito Viana, o talentoso cineasta que deu nome ao Cineclube. Foto: Marlos França.

Estreia com o filme
"Villa Lobos: uma vida
de paixão" no
Lançamento oficial do
Cineclube Zelito Viana.
Foto: Marlos França.



O Circuito de Outono "Café, Cachaça e Chorinho" é um tradicional evento turístico, cultural e gastronômico do calendário do Vale do Café já há bastante tempo, e tem o objetivo de levar o público local a um contato mais profundo com esses três elementos tradicionalmente vinculados à história e ao imaginário do Vale do Paraíba Fluminense, além de promover a formação dos produtores locais, bem como os empreendedores do ramo de gastronomia. O Café, que viveu aqui no vale o seu primeiro ciclo e deu grande projeção econômica mundial ao império brasileiro, a cachaça, produto tipicamente brasileiro, muito bem representado na região e em Vassouras, com excelentes marcas e alambiques, e o chorinho, que contou na sua formação musical também com elementos africanos.

O evento integra os empreendimentos locais na realização de uma diversificada programação didática e artística. Esse ano, o evento que reunirá a música, cultura e gastronomia do Vale do Café incluirá, trará novamente bartenders, sommeliers, mixologistas, baristas, e outros especialistas do universo da cachaça e do café para promover essa integração de produtos sine qua non da região.

Nova gestão impulsiona Observatório do Turismo Religioso Laico e ajuda no fortalecimento do setor no Brasil e na América Latina

Chegada de Sandro Capadócia marca nova fase com foco em dados, desenvolvimento econômico e parcerias estratégicas

O Observatório Internacional do Turismo Religioso Laico no Brasil e na América Latina (OBS) inicia uma nova fase de atuação com a chegada do Publicitário e produtor cultural Sandro Capadócia à presidência da instituição. À frente da nova gestão, o executivo assume com a missão de estruturar uma diretoria sólida, com quadros nacionais, internacionais e técnicos, para desenvolver projetos que posicionem o turismo religioso como vetor estratégico de desenvolvimento econômico, cultural e social e ambiental.

Apesar de movimentar milhões de pessoas todos os anos e gerar impactos significativos em setores como hotelaria, gastronomia, transporte e comércio, o turismo religioso ainda carece de dados oficiais e organização estruturada no Brasil. A proposta do Observatório é justamente reposicionar esse segmento no centro do debate, por meio da produção de pesquisas, indicadores e diagnósticos que evidenciem sua relevância no país e na América Latina.

“Estamos falando de um segmento que mobiliza multidões, movimenta economias locais e preserva patrimônios culturais e espirituais. Segundo o Ministério do Turismo o segmento no ano de 2025 e 2026, gerou R\$15 Bilhões de reais. Particularmente vejo como equivocado esses números divulgados pelo Ministério, considerando que somos um país Continental e a pluralidade do nosso povo, é gigantesca. Temos Católicos, Protestantes, Judeus Mulçumanos, Matriz Africanas, sem falar dos Quilombolas, dos Ciganos e dos Povos Originários” explica e afirma Sandro Capadócia, presidente do Observatório.

No ano de 2010, este mesmo número foi apontado Pelo Ministério do Turismo. Em 2020 e 2021, tivemos a pandemia da Covid-19 e onde há desesperança, aumenta a fé! Com a “irradiação” da doença, milhares de brasileiros viajaram muito mais em romarias, para pagar promessas em diversos segmentos religiosos pelo Brasil. Só à Basílica de Aparecida do Norte recebeu em 2025 mais 10.5 Milhões de peregrinos gerando um extraordinário R\$1.4 Bilhões de reais. (Fontes BBC Londres).

“Nossa gestão vai trabalhar para dar mais visibilidade para o setor, coletando dados consistentes, criando um ambiente estruturado atraindo investimento público e privado, através da cadeia produtiva do setor”, afirma Sandro.

Como parte dessa nova fase, o Observatório prepara o projeto do 1º Seminário Estadual do Turismo Religioso Laico e tecnológico, que pretende reunir representantes do trade turístico, lideranças religiosas e especialistas / técnicos das inovações tecnológicas para mapear o setor, fomentar novas rotas e propor diretrizes para seu desenvolvimento. A iniciativa prevê ainda a consolidação de um documento oficial que será encaminhado a autoridades municipais, estaduais e federais.

Paralelamente, o OBS avança na construção de parcerias estratégicas e anuncia a assinatura de um termo de cooperação com o município de Vassouras, no interior do Rio de Janeiro, em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura. O acordo marca o início de ações voltadas ao mapeamento, promoção e fortalecimento do turismo religioso na região.



Sandro Capadócia – Publicitário e Produtor Cultural.

Ecosistema de soluções e inovação

Dentro desse movimento mais amplo, o Observatório também desenvolve e integra ferramentas que apoiam a organização do setor. Uma delas é o aplicativo Onde Tem Evento RJ, que passa a atuar como plataforma de apoio na divulgação e sistematização de eventos culturais e religiosos.

A ferramenta reúne uma programação completa de atividades ao longo do ano, permitindo ao usuário pesquisar eventos por data, categoria ou região, acessar informações detalhadas e personalizar sua experiência com base em interesses e localização. O aplicativo funciona exclusivamente como vitrine de divulgação, reunindo dados fornecidos diretamente pelos organizadores.

“O APP é uma ferramenta importante dentro do nosso ecossistema, pois ajuda a organizar e dar visibilidade aos eventos, além de contribuir para a geração de dados, que é um dos grandes desafios do setor”, explica Capadócia.

A integração entre tecnologia, mapeamento e articulação institucional faz parte de uma estratégia mais ampla do Observatório para consolidar o turismo religioso como segmento estruturado e relevante.

Impacto econômico e social

Além da coleta e análise de dados sobre o turismo religioso, o Observatório também volta seu olhar para toda a cadeia de serviços que sustenta o setor, como hotelaria, transporte, gastronomia, artesanato e comércio local. O fortalecimento dessas atividades tem impacto direto na geração de empregos, no aumento da renda familiar e no desenvolvimento Cultural, Social e Econômico nas cidades.

A proposta é iniciar esse trabalho pelo estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, expandi-lo para outras regiões do Brasil e da América Latina, ampliando o alcance das ações e consolidando o turismo religioso como uma frente estratégica de desenvolvimento.

Compromissos do Observatório

A atuação do OBS é guiada por princípios que integram desenvolvimento econômico, respeito cultural e inclusão social, preservação ambiental. Entre eles estão o respeito ao sagrado e à diversidade de crenças, a promoção de uma educação ampliada, a valorização da imersão cultural e o incentivo à capacitação profissional; sobretudo para os Guias de Turismo e Concierges, focando os esforços nos jovens, adultos e idosos, com atenção às populações periféricas.

Mais do que estruturar um segmento, o Observatório propõe um novo olhar sobre o turismo religioso: como ferramenta de geração de renda, valorização cultural e transformação social da Nação!



**Uma viagem no tempo!
Venha fazer uma visita**



**Uma antiga fazenda de
Café do século XIX.**

Preços especiais para grupos

Rodovia Lúcio Meira (BR 393), KM 245,5.

(em frente ao trevo de entrada para Ipiranga). Entre Vassouras X Barra do Pirai.

Contato para agendamento:  (24) 99276-6426

Afroturismo no Vale do Café: um reencontro com a história, a identidade e o futuro

Por trás das paisagens bucólicas, casarões imponentes e do aroma do café que marcou uma era, o Vale do Café guarda uma história profunda — e muitas vezes silenciada — que agora ganha voz por meio do Afroturismo. Ao abrir caminhos para o Afroturismo, a região não apenas amplia sua atratividade turística, mas também reafirma seu papel como território de cultura, resistência e transformação.

A região, que abrange municípios como Vassouras, Valença, Barra do Pirai e Engenheiro Paulo de Frontin, foi um dos maiores polos cafeeiros do Brasil no século XIX. Esse ciclo econômico, no entanto, foi sustentado pelo trabalho de milhares de pessoas negras escravizadas, cuja contribuição histórica, cultural e social ainda ecoa nas raízes do território. Hoje, o Afroturismo surge como uma poderosa ferramenta de ressignificação dessa história. Mais do que visitar fazendas históricas, trata-se de **vivenciar experiências autênticas**, que valorizam a cultura afro-brasileira, promovem justiça histórica e impulsionam o desenvolvimento sustentável.

Cultura viva e resistência

O Vale do Café é palco de manifestações culturais que resistiram ao tempo e seguem pulsantes. O **jongo**, reconhecido como patrimônio cultural brasileiro, é mais do que dança e música — é memória, ancestralidade e resistência. Em comunidades quilombolas da região, visitantes podem conhecer tradições, histórias orais, culinária típica e modos de vida que preservam a identidade afro-brasileira. Essa imersão proporciona uma experiência transformadora, tanto para quem visita quanto para quem recebe. O turismo deixa de ser apenas contemplativo e passa a ser educativo, sensível e consciente.



Imagem gerada por IA representando o Afroturismo.

Um caminho para o futuro

Investir no Afroturismo é, acima de tudo, um compromisso com a verdade histórica e com a construção de um futuro mais equitativo. É reconhecer que o passado não pode ser apagado, mas pode e deve ser contado sob novas perspectivas. O Vale do Café tem, portanto, nas mãos uma oportunidade singular: transformar dor em potência, memória em identidade e história em desenvolvimento.

Susy Carla (Assessora da Secretaria Municipal de Turismo de Paulo de Frontin).



Jongo do Quilombo São José em Valença.



Frontin de Verdade



Fred

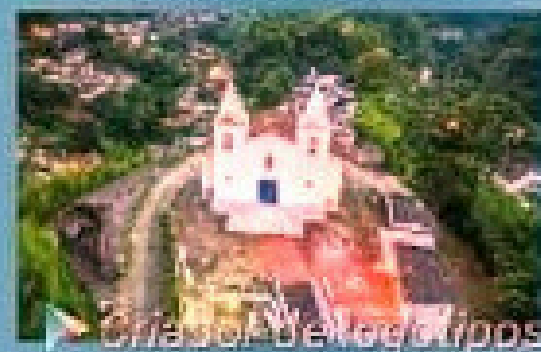
FV



Macedo

O

Jornal



Podcast Frontin de Verdade: 4 anos contando histórias, conectando pessoas

Nascido numa audiência, o Podcast Frontin de Verdade chega, neste ano, a um marco especial: quatro anos de existência. Entre conversas autênticas, entrevistas marcantes e cada vez mais participativa, o projeto se consolidou como um importante canal de comunicação regional, levando ao público conteúdos informativos, leves e criativos, sempre com o compromisso de valorizar as vozes e as histórias do território. O que começou como uma iniciativa simples, movida pela paixão por comunicar, hoje se transforma em uma verdadeira ponte entre pessoas, ideias e memórias.

Ao longo dessa trajetória, o podcast tem cumprido um papel fundamental: preservar e difundir a história do Vale do Café, destacando personagens, iniciativas, cultura e tradições que fazem parte da identidade da região. Cada episódio é um registro vivo, que você contribui para que o passado e o presente dialoguem com as novas gerações.

Com uma linguagem acessível e dinâmica, o Frontin de Verdade conquistou seu espaço ao unir informação e entretenimento, sempre com autenticidade e compromisso com a verdade — características que inspiram o próprio nome do projeto.

Mais do que um podcast, tornou-se um movimento de valorização local, fortalecendo o sentimento de pertencimento e estimulando o desenvolvimento cultural e social.

Celebrar esses quatro anos é reconhecer uma trajetória construída com dedicação, parcerias e, principalmente, com a participação do público, que acompanha, compartilha e faz parte dessa história.

Frontin de Verdade: onde a história é contada por quem vive, sente e transforma o Vale do Café.

Uma viagem pela memória ferroviária está chegando!

"Entre Trilhos e Memórias" celebra o dia do ferroviário que é comemorado do dia 30 de abril e também os 27 anos da Associação Fluminense de Preservação Ferroviária, com uma experiência que conecta história, arte e cultura do Vale do Café.

O público poderá conferir maquetes, fotografias e desenhos que resgatam a importância das ferrovias na nossa região, além de participar de uma roda de conversa especial com representantes da Associação Fluminense de Preservação Ferroviária @afpf.official.

A exposição conta com obras dos artistas @wesleymonteiro.artes.design @ubiratan.arte, @leonidia_machado e @artesmjmarchiori.

Fotos de Carlos Sacchi.

Curadoria: @marcellesouzasales, @thatiana_santiago.m, @wesleymonteiro.artes.design, @carloscacchi.photo

Maquetes do artista Marcos Antônio da Silveira Mello

29 de abril

18h

**Centro Cultural Rosemar Muniz Pimentel
(antiga estação) Centro de Barra do Piraí.**

Venha viver essa experiência e embarcar nessa viagem entre trilhos e memórias!



EXPOSIÇÃO

Itinerante

Exposição Itinerante: Entre Trilhos e Memórias, em comemoração ao dia do ferroviário barrense



PROGRAMAÇÃO: Exposição de maquetes, fotografias e desenhos do Vale do Café. Roda de Conversa com Sônia Maria Mattos e Marcelle de Souza Sales (Diretoria da Associação Fluminense de Preservação Ferroviária - AFPF).

 29 de Abril  18h



Centro Cultural Rosemar Muniz Pimentel
Praça Heitor Vale, s/n, Centro, Barra do Pirai (Antiga Estação)



PREFEITURA
BARRA DO PIRAI
Cidade do Vale Barrense

Secretaria Municipal
de Cultura, Audiovisual
e Economia Criativa

A. F. P. F.
ASSOCIAÇÃO FLUMINENSE DE PRESERVAÇÃO FERROVIÁRIA

RESERVA SOLEIRA SIMPLEMENTE MAGNÍFICA

Cachaça - 50% ABV



21 98441-0447 @magnificadefaria
www.cachacamagnifica.rio



Site: www.revistavaledocafe.com.br

Instagram: [@revistavaledocafe](https://www.instagram.com/revistavaledocafe)

Revista Digital nº 45
Abril e Maio de 2026